

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

A Universidade de Évora e a actividade missionária

“Quando, finalmente, penetramos nas selvas e florestas da barbárie, achamo-nos mudos e surdos; mudos, porque falando não somos entendidos; surdos, porque ouvindo não entendemos; por isso, somos forçados a incumbir-nos, ou quase a sucumbir, da pesadíssima tarefa de aprender as suas difíceis e obscuríssimas línguas, sem nenhum guia ou luz que nos oriente, arrancando dos fundamentos as formas totalmente abstrusas das novas gramáticas e, de tão obscuras, como que adivinhando-as” (P^e. António Vieira, *Clavis Prophetarum. Chave dos Profetas*, 2000).

Não são necessárias razões para, a propósito da língua portuguesa, se evocar o nome de P^e. António Vieira. Vai sem dizer que não estão a confundir-se efemérides comemorativas – o ano Centenário do nascimento do jesuíta barroco e os 450 anos da fundação da Universidade de Évora, a par dos 250 da sua interrupção forçada –, nem a estabelecer-se entre elas ligações artificiais. Dá-se é o caso de Vieira encarnar o “protótipo do missionário” (Maria Lucília Gonçalves Pires, *O protótipo do Missionário em textos de Vieira*, 1997), coisa que calha a propósito da “Acção missionária da Universidade de Évora” (António Fernando M. Janela, *Alvoradas*, 1960-62) fora do continente europeu, onde os destinatários eram gentios e infiéis. O assunto, porque ligado ao estabelecimento do ensino jesuítico numa das principais cidades do reino, não espera defesa nem ilustração. Por diferentes que tenham sido as trajectórias dos protagonistas desta acção missionária e a fortuna do seu labor nos ministérios da pregação, da catequese e da confissão, os dois séculos que constituíram o primeiro ciclo de existência da Universidade de Évora foram também de integração no “Ciclo do Império” (Rosado Fernandes, *A Universidade de Évora – Ontem*), pela vivência do apostolado missionário que o Instituto de Loyola abraçava. De forma indirecta, através de acção diplomática, ou directa, através de produção científico-pedagógica ou envolvimento em cargos eclesiásticos (caso do mestre de teologia D. Pedro Martins, primeiro bispo do Japão, em 1596), a ligação indissociável da Universidade de Évora à actividade missionária na Índia, China, Japão, Brasil e Angola marca a história do ensino jesuítico português a sul do Tejo.

Toma-se aqui de empréstimo, *data venia*, o título *A língua portuguesa no mundo* de obra de Jorge Morais Barbosa, datada de 1969, desta feita para uma incursão por

factos e nomes da história da Universidade de Évora durante o período do preceptorado da Companhia de Jesus (1559-1759), que correspondem aos valores do modelo ideal do missionário vieirino. A alfabetização na língua europeia e o envolvimento na aprendizagem das línguas indígenas, dois campos de acção desde a primeira hora articulados com intenções catequéticas, constituíram dois dos mais determinantes ministérios da missão dessa figura ideal, que a Companhia de Jesus tinha como definidores da sua vocação apostólica a povos que a Europa culta e cristã imaginava *miserabiles personae*. Como agentes de ensino, bem sabiam Vieira e os seus irmãos de roupeta em missão nos territórios extra-europeus, que o domínio das línguas orientais e ameríndias era a melhor medida profiláctica e europeísta de instaurar a comunicação para depois melhor se exercer o magistério. Não é por acaso que o popular catecismo dos padres Marcos Jorge e Inácio Martins – dois nomes ligados à génese da Universidade de Évora – foi traduzido (com adaptações, que hoje se denominariam “tradaptações”) para concani, tâmil, japonês, quicongo e tupi, mas porque, como modelo da evangelização jesuítica e daí a sua larga fortuna editorial além-fronteiras, serviu para o exercício da gramática da comunicação, propedêutica da gramática da língua.

A eficácia linguística dos catecismos ou cartilhas, em geral, e, em particular, da *Doutrina Cristã* dos jesuítas Marcos Jorge & Inácio Martins mede-se pelo facto de terem sido os primeiros instrumentos pedagógicos ao serviço da instrução alfabetizada e da comunicação religiosa, com precedência editorial relativamente às gramáticas e dicionários. Escritos em português ou nos próprios idiomas locais utilizados na missionação, permitiam pregar aos nativos e supletivamente alfabetizá-los no português. Sobre Jerónimo Rodrigues, alentejano e mestre da Universidade de Évora também com actividade missionária no Oriente (Japão, Tidor, Macau), escreveu um cronista da Companhia de Jesus a propósito do trânsito dos catecismos no meio escolar autóctone da segunda metade de Quinhentos: “& para instruir a todos compoz o Padre [Jeronymo Rodriguez] à imitação de S. Francisco Xavier hũa breve declaração da doutrina na lingua Malaya (...) e foi grande o fruto, que resultou desta obra” (P^e. Francisco de Sousa, *Oriente conquistado a Jesus Cristo*, 1978 [1710]).